

O papel das lideranças tradicionais na demarcação das terras indígenas Guarani e Kaiowá

Elemir Soare Martins*

1 INTRODUÇÃO

Para os Guarani e Kaiowá, as práticas de rituais das lideranças espirituais e religiosas tradicionais *ñanderu* e *ñandesy* e seus auxiliares *yvyra'ija*¹ são imprescindíveis para manter a religião indígena viva e assim para fortalecer sua identidade. Além dessas práticas serem a maneira como se busca apoio espiritual ou a aproximação com as divindades.

Os rituais como práticas religiosas, sempre foram praticados pelos Guarani e Kaiowá, contudo percebemos que os xamãs passam a assumir diferentes funções a partir da colonização e da formação do Estado Nacional.

Nas disputas territoriais características do tempo presente, os Kaiowá encontram ânimo para o enfrentamento com os fazendeiros a partir da compreensão de que a conquista da terra é um investimento na aproximação com as divindades e na retomada do *tekoha yma guare* (morada antiga). A compreensão é entendida, segundo o *ñanderu*, a partir da reza que ele faz, tendo contanto com a divindade, recebe *mbarete* (força), *ñeñangareko* (proteção) dos seres invisíveis.

Desde então o papel dos *ñanderu* e a *ñandesy* é fundamental em qualquer movimento das reivindicações dos direitos indígenas. As rezas, denominadas como *nembo'e* e *jeroky*, são de suma importância para convocar e envolver o *Ñandejara Tupã Husu* (Grande Deus) na organização do movimento de luta, protegendo, dando a melhor estratégia para ir à busca de suas necessidades.

¹ Os *yvyra'ija* são pessoas que têm contato espiritual e ajuda o xamã em qualquer cerimônia de reza.

*Ava Guarani Ñandeva. Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* da área de Ciências Humanas, turma 2012, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pesquisador do Observatório da Educação Escolar Indígena. E-mail:elemirmartins@hotmail.com

Assim, esse artigo procura descrever e analisar a participação das lideranças tradicionais *ñanderu* e *ñandesy* no movimento político contemporâneo dos povos indígenas Guarani e Kaiowá pela recuperação e demarcação de suas terras indígenas tradicionais – *tekoha* – no Cone Sul de Mato Grosso do Sul. Para tanto, esse artigo descreverá: **(a)** quais são as funções das lideranças tradicionais e como sua função se transformou através do tempo sendo importante hoje a figura de uma liderança política para o movimento de luta pela demarcação dos *tekoha*; **(b)** Como nasceu o movimento de retomada dos antigos *tekoha* a partir da criação das primeiras Assembleias Guarani, as *Aty Guasu*; **(c)** como podemos observar essas disposições socioculturais a partir da retomada do *Tekoha Pindo Roky*; **(d)** e por último, como percebemos atualmente a importância das novas lideranças que tem surgido dentro de um ambiente acadêmico na luta pela retomada dos territoriais tradicionais.

2 AS LIDERANÇAS TRADICIONAIS E AS LIDERANÇAS POLÍTICAS

As lideranças tradicionais que chamamos de *ñanderu* e as *ñandesy* são pessoas fundamentais para comunidade Guarani e Kaiowá, essas pessoas mantem uma relação suficientemente próxima com as divindades. O *ñembo'e* (rezas) e *jehovassa* (bençãos) têm poder profilático e fertilizante, por exemplo, sobre as plantas cultivadas: arroz, milho, batata, *kumanda* (feijão), mandioca, etc., garantindo seus crescimentos rápido e livre do ataque de pragas e doenças. Antes de plantar o agricultor Guarani e Kaiowá, prepara a terra para plantio e, depois chama o xamã para fazer rezas e benzer as plantas.

É relevante ressaltar que a importância e as funções dos rezadores nas comunidades indígenas estão sempre associadas aos saberes sobre: plantas medicinais, rezas, benzimentos, práticas agrícolas, arte, pintura, etc. Portanto, a figura do rezador assume o papel do verdadeiro xamã, recebendo dos deuses a sabedoria para ensinar, revolver os problemas e dom para curar. Para que isso seja possível, segundo os xamãs afirmaram sobre a importância de seguir as regras que foram ensinados a eles durante a formação para ser xamã. Segundo ele “é fundamental que nos rezadores continuarmos seguindo as regras que foram passadas a nos durante a nossa formação para o xamã” (Ava Vera Rendy, 70 anos, *tekoha* Guapo'y em Amambai, fala colhida durante pesquisa de campo em novembro de 2012). Percebemos através dessa fala que mesmo durante a sua formação um *yvyra'ija*, já possui um papel de liderança na comunidade.

As atuações das lideranças espirituais e religiosas tradicionais sempre foram fundamentais para o desenvolvimento social dentro das aldeias. Na

cosmologia Guarani e Kaiowá a reza protege a *te`yji* (a família) para que as pessoas de má conduta, não manipulem o povo Guarani e Kaiowá, a fim de ter mais certeza que poderá ter suas terras de volta. Pereira (2004) apresenta uma explicação muito objetiva sobre a formação desses xamãs.

O xamanismo entre os Kaiowá requer formação e aprendizado por um período relativamente longo. Esse disciplinado deve ser realizado junto a outro xamã, caracterizando o perfil sacerdotal do sistema religioso, pois os xamãs de destaque formam escolas para assegurar a reprodução do sistema de reza por ele herdado ou “desenvolvido”. O exercício do xamanismo está, assim, sempre associado ao grupo de reza, geralmente composto por parentes ou por aliados, no caso de não parentes. Entretanto, só o aprendizado não garante a formação do xamã, este deve ter um evento extraordinário em sua vida que marque a apropriação do poder legitimador do exercício da profissão. Esse evento é geralmente narrado como uma experiência pessoal de interação com determinado ente sobrenatural, evento que seria fatal para um não-xamã, e do qual se escapa justamente por ser portador dessa atribuição”. (PEREIRA, 2004, p. 366).

Ao longo da década de 1970, muitas lideranças espirituais e religiosas mostraram aos seus pares a importância das rezas, segundo eles, só assim *mbarete* (força), *pytyvõ* (ajuda) viria dos deuses, através do *ñembo`e* o *ñanderu* consegue se comunicar com os deuses que pertence a sua cosmologia. Essa força que vem dos deuses aumenta a coragem para continuar sendo índio, mesmo com tanto preconceito por parte da sociedade brasileira e encoraja-se para continuar lutando, resistindo à violência imposta pelos colonizadores.

É fundamental lembrar que foi principalmente a partir das décadas de 1940 e 1970 que se teve início um período de expulsão e dispersão das famílias indígenas Guarani e Kaiowá de seus *tekoha guasu* (territórios). Essa nova “situação histórica” é marcada tanto pelo fim do monopólio da Cia. Matte-Laranjeira quanto pelo aumento do loteamento da região, que é quando se abre a região para a instalação de inúmeras fazendas privadas sobre os *tekoha* guarani e kaiowá (BRAND, 1997; THOMAZ DE ALMEIDA, 2001; MURA, 2006; BENITES, 2009).

No entanto, desde o ano de 1915 quando as primeiras Reservas Indígenas no atual Estado de Mato Grosso do Sul foram instituídas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), os Guarani e Kaiowá passaram a sofrer um processo de redução de seus territórios tradicionais. O SPI, desconhecendo o modo de viver dos Guarani e Kaiowá e o modo de ocupar os seus *tekoha guasu* (seus territórios), instituiu entre 1915 e 1928 oito minúsculas Reservas: Jagua Piru e Bororo em Dourados, Te`yikuê em Caarapó, Guapo`y em Amambaí, Limão Verde em Amambaí, Pirajui em Paranhos, Sassoro em Tacuru, Taqueperi em Coronel Sapucaia, Porto Lindo. A área máxima prevista era de 3.600 hectares,

entretanto, na maioria dos casos a área demarcada foi ainda menor (BRAND, 1993; 1997).

Segundo Benites (2009), o órgão que instituiu as Reservas aos indígenas impôs um ordenamento militar, educação escolar, assistência sanitária e favoreceu as atividades das missões evangélicas que se instalavam na região. Vale lembrar que os funcionários do SPI e outros colonizadores não se conformavam com o modo espalhado dos indígenas de ocupar espaço. Foi preciso concentrar os indígenas nessas áreas para possibilitar a expropriação de seus territórios.

É importante ainda observar que desta forma, os territórios indígenas passaram a ser considerados como “terra devoluta” e “terra vazia” e, por isso, se tornaram objeto legal de comércio. Para o Estado, as oito Reservas Indígenas supracitadas criadas pelo SPI eram consideradas como os únicos espaços oficiais destinados aos Guarani e Kaiowá (BRAND, 1997; BENITES, 2009).

Diante da perda da autonomia e de suas vidas que os indígenas sofreram no século XX, devido à criação das Reservas. Muitas lideranças não ficaram paradas assistindo à expulsão e dispersão das famílias indígenas. Pelo contrário, muitas famílias começaram a resistir, reagrupando os parentes que estavam dispersos nas Reservas para voltar ao seu antigo *tekoha*. O reagrupamento das famílias foi muito complexo, porque a destruição dos *tekoha* ocasionou uma série de prejuízo social para os grupos, como no caso da dispersão de famílias que espalhadas começaram a ocupar diferentes espaços. Essa dispersão é denominada como *sarambi*.

A nova realidade enfrentada pelas famílias preocupou a liderança tradicional, que começaram a articular os demais rezadores para estabelecer quais seriam as melhores estratégias a adotar, e pedindo ao *Ñandejara Tupã Husu* a orientação para conseguir reagrupar de novo as pessoas do grupo para que tenha mais força espiritual, assim preparar a cerimônia pedindo a proteção divina na jornada difícil ao seu antigo *tekoha*. Sendo assim, os *ñanderu* e as *ñandesy*, passaram a cada vez mais a mobilizar grupo de pessoas comprometidas e com objetivos comuns, não por acaso muitos dos integrantes do grupo geralmente foram, e ainda são, parentes ou família da liderança tradicional. O agrupamento da família foi iniciativa dos anciões e rezadores que sempre esteve preocupado sobre a desestruturação da cultura e nunca aceitaram a imposição da cultura ocidental e não se conformavam com a perda dos seus *tekoha*.

A partir da criação das Reservas, houve a implantação da figura do *Capitão*, bem como em outras populações indígenas. O *capitão*, sempre esteve associado à ideia de que ele deveria fazer a intermediação entre as

comunidades indígenas das áreas demarcadas e os representantes do SPI (e depois FUNAI). Contudo, aos poucos essa situação modificou a relação de poder dentro das comunidades indígenas, fazendo com que o *capitão* passa-se a assumir um papel de liderança dentro das Reservas.

Cabe observar que em cada Reserva a figura do *capitão* enquanto liderança, passou a representar vários grupos de famílias, diferentemente da liderança tradicional onde o *ñanderu* e a *ñandesy* representavam apenas a sua parentela. Assim essa nova constituição da figura do *capitão* enquanto liderança gerou (e ainda gera) permanentes descontentamentos e acirando os conflitos nas Reservas. Em grande parte esses conflitos também se mantem, pois, de alguma forma, se espera que o *capitão* possa manter uma relação próxima ao *ñanderu* e a *ñandesy*, o que não ocorre frente às diferentes posições desses sujeitos. Portanto, o desafio está nisso do capitão ou liderança política estar distante das lideranças tradicionais, visto que geralmente nas Reservas, não há dialogo entre eles. Por isso, no entanto, dificulta a atuação deles a frente o desafio imposto pela sociedade envolvente e Estado.

Aha'arõ umi opytatava tenondetarã ha moha'angarã, ja'e porã serõ capitãorã tekohape ko'anga ha tendondepe ore rendu ore renduve voi, ore rekave ha omõi voi arandu rombohasatava hina ichupe kuéra ikatu ha'guaicha oikuaa ojoju ha'gua mba'épa ojejapóta umi mba'e ojejuvare ha ñembo'e rupive ipu'aka upevare. Ore jepy'apy ha'e upeva voi roimegui mombyry ojohegui ko árape. Entoce, tekotevẽ roime meme ñemonguetape, pera'y, mba'e ko jeporohekape tekoha ojetopa ko árape, iporã ñaime jojape ikatu haguaicha jaikuaa mba'e chagua tapepa ñamuñata hina. Umi ojejapotava guive oje'eva tekotevẽ ose atygui ha ñanderu ombohape ichupe kuéra. Ore manteko roikuaa ñembo'e rupive mba'echagua je'eva roipyhyta ha rombohape ha'gua ave mba'e mboruvichape. (Ñanderu Florencio Barbosa, 83 ro'y, tekoha Te'yikuepegua, fala colhida durante pesquisa de campo em outubro de 2012).²

A fala desse *ñanderu* demonstra a necessidade de ter o dialogo e a aproximação entre as lideranças políticas e *ñanderu* nas comunidades indígenas. Nesta afirmação percebe-se o quanto eles são importantes em qualquer situação nos *tekoha*, por exemplo, nas escolhas dos candidatos para ser Capitão na aldeia, é preciso que eles estejam presentes para benzer, orientar e dar sua posição de como um grande *mboruvicha* pode seguir e representar sua

² Tradução feita por mim em primeiro plano: "Espero que os que vão liderar ou representar a comunidade agora ou futuramente ouçam-nos, nos procure e consiga colocar a sabedoria que iremos passar a eles para saber resolver quaisquer problemas e vencer desafios através da nossa reza. A nossa preocupação é exatamente isso por estar distante um do outro. Portanto, precisamos estar em constante dialogo, até porque no desafio que a comunidade indígena se encontra nos dias atuais é fundamental a união para saber qual tape (caminho) a seguir, qualquer decisão tem que partir do coletivo com a orientação dos ñanderu. Só nos sabemos através das rezas qual decisão a tomar e orientar o capitão".

comunidade. Ele defende também que a comunidade não pode se distanciar da coletividade, segundo ele, é muito importante que o grupo esteja fortalecido para enfrentar os desafios nas aldeias. Pude notar na fala do ñanderu Florencio Barbosa, a preocupação que ele tem em relação à organização atual da comunidade pelo Capitão. Pereira (2004) ainda argumenta sobre a necessidade de novos aspirantes a liderança deveriam ter uma postura próxima aos líderes já reconhecidos.

Na organização política dos kaiowá, os aspirantes às posições de prestígio associadas aos cargos de chefia política e religiosa, devem se inspirar na conduta dos grandes líderes e seguir o exemplo deixado pelos que tiveram êxito como iniciadores capazes de fazer as coisas surgirem ou erguerem-se. Isto é feito combinando conhecimento e habilidade sobre como conduzir as relações entre as pessoas e como conseguir os auspícios favoráveis dos *jara* e divindades”. (PEREIRA, 2004, p. 303).

Pôr fim, neste cenário atual que os Guarani e Kaiowá se encontram para reocupar/retomar seus *tekoha* e demais ações das comunidades oferecem cenários favoráveis ao surgimento de grandes lideranças ou lideranças de maior expressão. Entretanto, essas lideranças lideram suas comunidades à frente o desafio imposto pelos fazendeiros e Estado. Mas para que isso seja possível, a comunidade sempre cobra que as lideranças se inspirem na tradição, na orientação dos rezadores ou lideranças tradicionais e na conduta dos grandes líderes *yma guare* (dos líderes do “tempo antigo”). Para que seja um líder que faça diferença, seja meditativo, prepositivo, distinguindo-se da outra pela coragem pela criatividade capaz de levantar-se e tomar iniciativas.

3 A LUTA PELA TERRA: RETOMADA DOS TEKOKHA E AS PRIMEIRAS ATY GUASU

A *Aty Guasu* é uma assembleia geral dos Guarani e Kaiowá, reúnem lideranças de vários *tekoha*. O objetivo principal das reuniões sempre esteve ligado a recuperação dos *tekoha*, contudo foram dessas reuniões que partiram além as primeiras reivindicações de demarcação de terras tradicionais, denúncias e sugestões sobre possíveis soluções para os problemas variados que os indígenas vinham enfrentando.

Uma primeira versão da história do movimento foi estabelecida por meio de trabalho Thomaz de Almeida (2001). Ele coordenou, no final dos anos 1970, o Projeto Kaiowá Nhandeva (PKN), ação indigenista que começou dando suporte à produção agrícola nas Reservas então existentes e, progressivamente, seguindo apelos dos kaiowá e guarani, passou a apoiar, de diferentes formas, a mobilização política que resultou nas *Aty Guasu* (PIMENTEL, 2012, p. 235-

236). Diante das expulsões e dispersões dos indígenas Guarani e Kaiowá de seus territórios tradicionais se originaram, no entanto, desde o final da década de 1970, o movimento indígena, articulação e luta de indígenas para recuperar os seus *tekoha guasu yma guare* (antigos territórios).

As narrações de várias lideranças idosas evidenciam que as realizações de várias grandes assembleias interétnicas foram e são fundamentais para os indígenas expulsos se articularem e se envolverem nos processos de reocupação/retomadas de parte dos seus territórios tradicionais reivindicados.

Vários relatos dos idosos indígenas na I e II audiência da Comissão da Verdade que ocorreu em Dourados³ e a fontes documentais utilizados nos trabalhos de Thomaz de Almeida (2001) confirma que a partir do final da década de 1970 até os dias de hoje, as lideranças articuladas, reivindicantes dos *tekoha yma guare* (terras tradicionais), começaram a se reunir trimestralmente nas assembleias gerais, buscando discutir e tomar decisões a respeito da demarcação e a reocupações/retomadas das terras.

Um caso emblemático na história de recuperação dos territórios tradicionais ocorreu no final de década de 1970 a partir de duas mobilizações em torno das áreas conhecidas como *Rancho Jakare* (Laguna Carapã) e *Paraguasu* (Paranhos) esses dois casos levaram aos jornais de circulação nacional as denúncias sobre os despejos forçados a que eram submetidos os grupos de Kaiowá e Guarani⁴.

É fundamental destacar que desde meados 1980, as lideranças tradicionais começaram a participar do movimento de resistência Guarani e Kaiowá no contexto de luta tensa pelo reconhecimento e demarcação das terras indígenas tradicionais. Os *ñanderu* e *ñandesy* e seus auxiliares (*yvyra`ija*) argumentam e declaram que através do *Jeroky Guasu* permanente será possível buscar comunicação e apoio e intervenções de seus parentes invisíveis do *yvy jara* (da terra), *y jara* (rio) e *ka'aguy jara* (floresta) para recuperar e retomar os territórios tradicionais que foram abandonados por conta de expulsões.

³ A Comissão da Verdade (CNV), proposta em 2010 e criada por ato da Presidente Dilma Rousseff em 2011, foi uma delegação formada por diferentes agentes civis que teve como objetivo investigar a violação de direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 por agentes do Estado brasileiro. A psicanalista Maria Rita Kehl, foi a pessoa que dentro da CNV responsável pela investigação das violências sofridas pelos povos indígenas e camponeses. Assim, nesse contexto foram realizadas duas audiências públicas em Dourados para ouvir das comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul, por quais violências lhes foram cometidas. Cabe ainda ressaltar que no dia 10 de dezembro de 2014 a CNV entregou seu relatório final à Presidente Dilma Rousseff.

⁴ Para ver mais: PIMENTEL, Spensy K. *Aty Guasu, as grandes assembleias Kaiowa e Guarani: os indígenas de MS e a luta pela redemocratização do país.* (no prelo).

O primeiro grande encontro das lideranças políticas e das lideranças religiosas chamadas até de *Aty Guasu* e *Jeroky Guasu* foi realizado anos 1970, as lideranças religiosas demandam rigorosamente a participação coordenada dos rezadores durante o processo de reocupação e retomada do tekoha tradicionais. Portanto, o conjunto dos líderes religiosos *ñanderu* e *ñandesy* e de seus auxiliares *yvyra`ija* estão sempre envolvidos em todas as ações da retomada.

No final da década de 1970, as lideranças das famílias extensas expulsas de seus tekoha articularam iniciativas de luta pela recuperação de território que de fato passaram a ocorrer nas décadas seguintes. Desde 1980 até os dias de hoje, as famílias extensas já reocuparam e recuperaram partes de mais de vinte terras tradicionais tekoha. Como já disse, o envolvimento dos líderes espirituais (realizando sínteses das decisões e expectativas de famílias extensas inteiras) na realização de grandes rituais religiosos – *jeroky guasu* – foi fundamental nesse processo. (BENITES, 2013, p. 38).

Em primeiro lugar, é importante lembrar, que toda *Aty Guasu* se inicia com *jehovassa* (como espécie de benção) conduzida pelos xamãs presentes ou lideranças tradicionais. Nesse encontro, ou seja, nesta primeira realização do *Jeroky Guasu* e *Aty Guasu* no ano de 1970, estiveram presentes líderes de diversas aldeias, um deles um grande líder Pancho Romero que esteve presente na reunião do PKN na Reserva Indígena *Pirajui* para denunciar a expulsão do seu antigo tekoha *Yvykua Rusu/Takua rusu/Paraguasu*. Foi o momento muito significativo aos indígenas e as demais pessoas que estavam envolvidas pela luta da efetivação dos direitos, e com isso mostrar a força que o movimento terá futuramente para reocupar e retomar suas terras tradicionais.

As *Aty Guasu* reúnem normalmente entre duzentas a trezentas pessoas talvez mais dependendo da articulação das lideranças e da localização da Assembleia que sempre ocorre em uma área indígena diferente, a quantidade pode ser maior quando a reunião acontece nas proximidades de alguma aldeia mais populosa, como Dourados, Caarapó, Amambaí, muita gente vai até o evento de forma independente, essas pessoas muitas vezes são: professores, agente de saúde, ligados a secretaria da educação municipal, Ministério Público Federal, Conselho Indígena Missionário (CIMI), representante da FUNAI, de Universidades, entre outros .

As lideranças tradicionais *ñanderu* e *ñandesy*, determinaram que ao longo do processo da reocupação dos *tekoha* antigos era necessário e fundamental a participação direta de todos os integrantes das famílias extensas envolvidas na reocupação das terras antiga, incluindo *mitã`i* (as crianças), *kuimba`e kuéra* (os homens), *kuña kuéra* (as mulheres) é as anciãs e anciões. Entendemos que neste contexto ritual emerge a força e a coragem para lutar, momento em que se elaboram as táticas e as estratégias para reocupar os territórios perdidos durante o processo de colonização. Para Benites (2013),

As Aty Guasu são também um lugar de transmissão de saber. As narrações das lideranças guarani-kaiowá no evento reafirmam que, após a chegada dos europeus, a vida desses indígenas foi marcada por diversas interferências de agentes colonizadores portugueses e espanhóis. A narração das lideranças vai ao encontro da literatura histórica e confirma que os povos indígenas foram vítimas de dominação dos missionários, dos encomenderos e dos bandeirantes. Os discursos das lideranças apontam que, diante desses fatos marcantes suscitados pelas ações colonialistas, as lideranças indígenas, por meio de sua organização política e religiosa, passaram a discutir os novos problemas e se articular, e no decorrer da história reagiram de diversas formas em defesa dos seus territórios e da vida e cultura dos seus grupos. Em todas as assembleias [...], as lideranças guaranis idosas reafirmam em consenso que nossos antepassados foram heróis guerreiros, que lutaram, sofreram e morreram ao tentar defender os seus territórios e o modo de ser e viver guarani. Frente a essa luta histórica difícil, nos eventos, os mais velhos exigem frequentemente da nova geração que mantenham o orgulho de serem guarani. (BENITES, 2010, p. 10).

Com essa luta e de reconhecimento dos líderes religiosos na luta e na articulação do movimento indígenas, o *Jeroky guasu* e *Aty guasu*, começou ganhar força, tendo em vista que através desse encontro que muitas famílias recebem orientações importantes, ajuda das demais integrantes do movimento. Vale ressaltar que nesses encontros o *mboruvicha kuéra* (as lideranças políticas) buscaram apoio das lideranças tradicionais na articulação da assembleia e do *jeroky guasu* que irão acontecer no determinado lugar, e no processo de reocupação/retomada dos *tekoha*.

As decisões importantes sempre são tomadas em Assembleia, onde tanto as lideranças políticas e as famílias extensas que estão envolvidas na retomada, recebem orientações, apoio espirituais que irão acompanhá-las em sua jornada difíceis. A família extensa que vão partir nas reocupações/retomadas no seu *tekoha*, durante o *jeroky guasu* recebem *jehovassa* dos *ñanderu* e *ñandesy* e seus *yvyra`ija* (auxiliares), para que venha ter êxito em sua jornada e os deuses estejam acompanhando as famílias, dando orientações, protegendo-os das pessoas que estarão impedindo de forma violenta, nesse caso os pistoleiros dos fazendeiros e policiais.

As lideranças políticas fazem toda essa articulação junto aos demais parceiros para reivindicar seus direitos, e para fazer encaminhamento de documentos importantes. E nessa articulação junto aos demais parceiros *mboruvicha* o papel dele, também, e buscar reagrupar as pessoas no movimento de luta pelos direitos e algumas decisões importantes que precisarão ser decididos em grupo maior de pessoas da comunidade. As narrações religiosas evidenciam que as realizações dos grandes rituais religiosos *jeroky guasu* e das grandes assembleias intercomunitárias *Aty Guasu* foram, e ainda

são fundamentais para os líderes religiosos *ñanderu* e *ñandesy* se envolverem nos processos específicos.

Destacamos na reocupação e retomada dos *tekoha* tradicionais a importância dos *ñanderu* e *ñandesy* e seus auxiliares *yvyra`ija*, através das rezas *jeroky* e *ñembo`e*, consegue agregar as demais pessoas nessa luta tensa, mas é fundamental destacar que as rezas *jeroky* o *ñanderu* faz na língua guarani, isso torna a língua mais viva, e nesta ocasião que percebemos a importância e o uso que a língua materna possui. Esse é um importante momento onde podemos a prática da religião indígena presentes em cada pessoa, o que gera um sentimento de pertença elementos fortalecem a identidade e o espírito de coletividade Guarani e Kaiowá.

O movimento dos líderes religiosos é visto como uma técnica de luta ou de guerra para que os indígenas tenham êxito nos processos de enfrentamento com os pistoleiros das fazendas, sobretudo no momento da reocupação tradicional. Quando os *ñanderu* e *ñandesy* começam fazer as rezas *jeroky* as pessoas que estão presentes, não se intimidam de entrar nos rituais. Essa situação é interessante porque elas voltam a valorizar sua cultura tradicional, sentindo o verdadeiro *ava* (indígena).

As lideranças políticas sempre tiveram a função imprescindível para a organização dos movimentos sociais indígenas. Um dos aspectos é na elaboração de documentos para encaminhar as autoridades públicas. As lideranças tradicionais repassam a eles em guarani as suas reivindicações e com ajuda dos demais parceiros, os *mboruvicha* escrevem em forma de documentos ou cartas. Vale lembrar que historicamente as lideranças políticas estudavam somente até os anos iniciais, mas mesmo assim eram considerados mais letrados, sendo assim, ajudavam como tradutor das lideranças tradicionais e expunham as demandas da comunidade.

4 A IMPORTÂNCIA DO XAMANISMO NA RETOMADA DO *TEKOKHA PINDO ROKY*⁵

Recentemente na retomada do *Tekoha Pindo Roky* podemos constatar a força que o *ñembo`e* tem, conforme a prática dos *ñanderu* e *ñandesy* e seus auxiliares. O assassinato do indígena, Denilson Barbosa no dia 17 de fevereiro

⁵ A história de luta do meu povo, sempre foi narrada para mim pela minha vó, meu tio, minha tia, meu padrinho, etc. Assim sempre tive a oportunidade de escutar sobre o processo de luta das grandes lideranças para conseguir recuperar uma parte dos seus *tekoha*. No entanto, eu tive a oportunidade de acompanhar de perto a luta na retomada do *tekoha* antigo *Pindo Roky*.

de 2013, desencadeou a ocupação da fazenda do senhor Orlandino Carneiro Gonçalves, localizada no município de Caarapó, por cerca de 200 indígenas. No dia seguinte os parentes do jovem kaiowá, assassinado nesse antigo *tekoha*, começaram a se mobilizar; chamando *ñanderu* mais próxima da família e as demais pessoas que pudessem ajudar para avisar os demais *ñanderu* que há na Reserva indígena Te'yikue. Começou a reocupação do *tekoha* com o *ñanderu* e *ñandesy* coordenando o *ñembo'e* e *jeroky*. Na retomada estiveram lideranças político muito importante da Reserva indígena Te'yikue, como Silvio Paulo, João Golarte, Leonardo de Souza e, no decorrer do dia foi chegando lideranças de várias aldeias, porém todos esperavam as orientações das lideranças tradicionais que estavam coordenando o Aty.

É fundamental destacar o papel dos *ñanderu* e *ñandesy* nesse local, o uso da língua quando começa a reza pedindo ao *Tupã Husu* (Grande Deus) proteção e a orientação durante a jornada de luta. Durante a reza os *ñanderu* pediram ao *Tupã Husu* mandassem mais pessoas para aumentar à força de luta e para mostrar as autoridades o quanto as rezas, a cultura e a terra são importantes para os Guarani e Kaiowá e a necessidade de recuperar sua terra tradicional. Chegava muita gente durante o dia e a noite, a pessoa que chegavam a esse local começava entrar na dança do ritual da reza, não sentia mais timidez para acompanhar os *ñanderu*.

Importa destacar que os jovens nos dias atuais são tímidos para aprender, conversar, mas principalmente para acompanhar as rezas, danças, das lideranças tradicionais. Mas neste dia através do poder que tem a reza esse pensamento “modernizado” muitas vezes preconceituoso foi superado com grande ajuda dos deuses. As crianças marcando a presenças muito importantes durante o ritual, um dos *ñanderu* começaram formar outro grupo de reza, porque na roda em que eles estavam não cabiam mais pessoas. Uma das lideranças local falou da importância das pessoas mostrarem o que sabem em relação à reza.

A decisão para que os *ñanderu* e *ñandesy* coordenassem esse momento de luta partiu por parte da liderança política, afirmando a presença deles naquele local é fundamental, porque através da reza poderá comunicar-se com deus, pedindo orientação e força para que nenhum mal aproxime dos seus entes, concluiu afirmando: “a nossa reza sempre teve poder e força, por isso, é incontestáveis, eu acredito, no final em nome do Tupã Guasu vai dar tudo certo” (Leonardo de Souza, 47 anos, *tekoha* Te'yikuê, fevereiro de 2013). Convém ressaltar que esse termo supracitado na língua guarani chama-se *pytyvõ* (prestar apoio) de outra liderança política e tradicional. Nesse sentido, *pytyvõ* é definido como uma serie de táticas. Uma das táticas é e será a reocupação/

retomada da parte dos territórios indígenas, chamar os rezadores de outro *tekoha* para prestar apoio. Entretanto, esses são algumas táticas de muitos que são postas em prática nos dias atuais.

Na retomada do *Tekoha Pindo Roky*, as pessoas acreditam que é através das rezas da comunidade da Reserva Indígena Te'yikue, que foi possível reunir mais pessoas na retomada, importante aqui destacar que quanto mais pessoas chegavam mais forte o grupo se sentia. A maioria das pessoas chegava já entrando na reza dos/das *ñanderu* e *ñandesy* que coordenavam a reza naquele local.

Percebe-se como a atuação das lideranças tradicionais é importante na reocupação/retomada dos *tekoha*. Através da sabedoria divina, e da confiança passada pelas lideranças, que se consegue agregar as pessoas distantes, com as palavras sábias transmitem o conhecimento e aconselha as demais pessoas como devem caminhar como verdadeiro indígena e conhecendo as rezas. Sendo assim, segundo eles, poderá enfrentar quaisquer problemas, espantar o medo, enfrentar os pistoleiros dos fazendeiros, policiais, preconceitos e vencer o que é imposto pelo Estado que prejudica os indígenas.

Atualmente o *Tekoha Pindo Roky*, possui aproximadamente 89 famílias acampadas. Elas se organizam entre parentelas e sua alimentação se dá através da roça. Neste local há lideranças tradicionais que toda noite fazem rezas e também igreja. Segundo a liderança política local, senhor Ducrecio Martins, neste local não tem desavença entre pastor da igreja e *ñanderu*, por isso, segundo ele, cada um tenta fazer a sua parte com objetivo comum. O grupo sempre mantém contato com liderança política da aldeia Te'yikuê e com as demais lideranças de outro *tekoha*.

5 OS ACADÊMICOS INDÍGENAS E A PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO DE LUTA PELA TERRA

Segundo Brand (2011), um desafio a ser considerado na busca pela autonomia dos povos indígenas é a procura cada vez mais crescente por formação superior que considere a especificidade cultural de suas respectivas etnias. Assim é perceptível que o crescimento dos povos indígenas nas Institutos de Ensino Superior IES. Contudo, defendemos que a participação dos indígenas no Ensino Superior deve estar situada no conjunto de ações protagonizadas pelos povos indígenas e nas relações desses povos com o Estado e com a sociedade brasileira, isso é, não é apenas a presença dos indígenas nas IES que vai garantir o avanço de suas demandas, essa presença é preciso estar relacionada com um processo formativo em compasso com os desejos e necessidades dos povos indígenas.

É preciso observar que, de modo geral, a demanda pelo acesso ao ensino superior junto as comunidades indígenas aparece inicialmente pela necessidade de formação e qualificação dos professores indígenas, quando esses começam a ocupar o espaço de professores dentro de suas comunidades. Nesse sentido, percebemos que os professores também se tornam um novo tipo de lideranças, pois assume em muitos casos o papel de mediador entre suas comunidades e as agências públicas externas. Exatamente por isso que intuímos que muitas das lideranças políticas também se tornaram professores. Contudo, atualmente percebemos que esse processo também ocorre inversamente, isso é, os sujeitos se tornam lideranças políticas, pois são professores.

Ainda nesse contexto, atualmente percebemos que o ensino superior, quando tem sua formação voltada para as demandas da comunidade indígenas, também possibilita não apenas formar novos líderes, mas qualificar esses novos sujeitos para que possam atender aos interesses de suas comunidades.

No cenário atual de conflito que os indígenas se encontram, em relação a terra, saúde, educação, preconceitos e entre outros. Os indígenas começaram buscar outros meios para criar uma nova estratégia para enfrentar esses problemas que vinham surgindo desde a colonização. A chegada à universidade da família indígena foi o momento de muita esperança, segundo a maioria das lideranças, o filho do índio aprendendo o sistema dos *karai*, poderá utilizar várias estratégias do que ele adquiriu durante sua vida acadêmica, para defender seu povo. Como por exemplo, utilizar o próprio sistema dos *karai* para defender seu povo e levar o clamor indígena através do trabalho escrito às demais comunidades, utilizando a tecnologia para mostrar ao mundo a existência da cultura, como a arte, a língua, a poesia e a religião.

Contudo, ressaltamos que não basta apenas garantir o acesso ao ensino superior aos indígenas, mas de fato garantir uma formação que venha a suprir as demandas coletivas de suas comunidades. Assim, a Universidade também precisa estar aberta e propiciar uma formação específica aos acadêmicos indígenas. Essa marcante ambiguidade nas relações entre *ava* (índios ou indígenas) e *karai/mbairy* (não-índios), que muitas vezes impede o diálogo entre os conhecimentos. Assim, o desafio para Universidade é estabelecer um diálogo entre *karai mba'ekuaa/arandu* (saberes/conhecimentos ocidentais) e os *ava mba'ekuaa/arandu* (conhecimentos tradicionais indígenas ou saberes indígenas). Entretanto, persistem na educação superior formal uma grande dificuldade e superar o pensamento colonial/moderno. Por isso, muitas vezes, acaba formando um acadêmico voltado à ideologia de colonialismo. Alimentando cada vez mais a visão preconceituosa em relação aos indígenas, não

respeitando os saberes, a religião, o modo que aprenderam na comunidade, é as perspectivas de vida.

Se observarmos os textos legais anteriores à Constituição Federal de 1988, perceberemos que a perspectiva integracionista que os sustenta.

Código Civil de 1916 considerava os índios “relativamente incapazes, sujeitos ao regime tutelar enquanto não forem adaptados à civilização do país”, as Constituições Federais de 1943, 1946 e 1967 previam a “incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”; a Lei 6001 de 1973, Estatuto do Índio, afirmava a necessidade de integra-los progressivamente e harmoniosamente à comunhão nacional”, estendendo a eles o sistema de ensino e a criação de escolas orientadas para esse fim. (BONIN, 2009, p. 97).

Entretanto, é relevante ressaltar que segue ainda uma enorme dificuldade dos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo e suas estruturas e instâncias burocráticas em superar uma visão profundamente monocultural e colonialista. Persiste também na educação superior formal uma grande dificuldade e superar o pensamento colonial/moderno. Mesmo diante deste novo paradigma legal definido pela Constituição de 1988. A Constituição Federal de 1988, ao excluir toda a referência à integração, garante (ou deveria garantir) aos povos indígenas, seus territórios, o direito à organização social e aos processos próprios de aprendizagem, produz um movimento para que alterasse as relações coloniais entre indígenas e não-indígenas, dentre eles os processos formativos, destacamos a educação superior.

As mudanças no cenário educacional indígenas, depois de muita luta dos povos indígenas do Brasil foram efetivadas a partir de 1988 com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil. Desde então, reconhece-se aos indígenas, no artigo 231 da Carta Magna, o direito a pratica de suas formas culturais próprias. Importa destacar outros artigos da Constituição também asseguram direitos aos povos indígenas. No artigo 210, apresenta-se como deve ser a educação escolar indígena e, no artigo 215, assegura-se e garante-se o direito à diferença e as especificidades étnico-culturais

Para tanto, o movimento das lideranças políticas e espirituais e religiosas tradicionais ganhou mais força com a participação efetiva dos acadêmicos indígenas Guarani e Kaiowá, pela reivindicação e da efetivação dos seus direitos, como a terra, educação escolar indígena, acesso a universidade, exigindo respeito dos seus saberes e melhoria na saúde, etc., isso só foi possível quando se criou a Universidade específico e diferenciada ou Licenciatura Intercultural Indígena, oferecendo o curso no contexto indígena que chamamos de *interculturalidade*. A criação na universidade de um curso assim foi de muitas lutas do movimento indígena, professores e das lideranças políticas e principalmente

dos Xamãs (*ñanderu* e *ñandesy*). Com isso, a participação dos *ñanderu* no espaço acadêmica ganhou sua importância e reconhecimento aos poucos.

Cada etapa do curso⁶ percebe-se claro a força que o *jeroky* tem juntado as demais pessoas dentro da universidade, os *ñanderu* começam suas rezas, todos participam, segundo os rezadores, afirmam que só assim os acadêmicos terão força para continuar estudando e lutar pela efetivação de seus direitos. A decisão de chamar as lideranças tradicionais partiu dos próprios acadêmicos/as indígenas da graduação e professores do *Teko Arandu*. No entanto, os *ñanderu* mostram e ensinam a cultura, e com isso começou agregar mais pessoas nesse movimento para que cada vez mais os estudantes indígenas se preocupem a recuperar cultura, língua, poesia e afirmar sua identidade, pôr fim para ser o verdadeiro pesquisador indígena, comprometido com as suas comunidades.

No intervalo da aula os acadêmicos jovens do *Teko Arandu* sempre procura dialogar com as lideranças tradicionais que disponibilizam sempre seu tempo precioso para dialogar. Na maioria das vezes vão até a sala para narrar algumas histórias, passar ensinamento, ensinando a reza, a arte, a língua, etc. Neste sentido, no entanto, o prestígio das lideranças foram aumentando na academia.

O curso *Teko Arandu* que foi implantada na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi de muita luta de lideranças tradicionais, professores, etc. Foram muitas discussões durante a *Aty Guasu* para que a faculdade indígena seja criada e se preocupe com os acadêmicos indígenas dando condições necessárias para trabalhar seus saberes na academia no sentido intercultural. Nesse sentido que muitas lideranças se preocupavam com a formação dos acadêmicos indígenas.

Os acadêmicos passaram a ser preocupar mais com a valorização dos/as *ñanderu* e *ñandesy* e com isso manter e fortalecer sua cultura e sua identidade como indígenas. A Faculdade Intercultural Indígena que foi criada na UFGD em 2012, conhecida como FAIND abriu a oportunidade aos acadêmicos Guaranis e Kiowá a ser articularem juntos aos rezadores e as rezadoras para discutir os problemas que estão surgindo na atualidade nas aldeias.

⁶ A Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* foi pensada como um curso que se desenvolveria na perspectiva da alternância que, grosso modo, consiste numa formação que ocorre em tempos e espaços distintos (Universidade/Comunidade, Presencial/Não-Presencial) num movimento de idas e vindas, o que facilita um trabalho de intervenção pedagógica e social nas comunidades das quais os acadêmicos fazem parte. Por essa razão, o Curso é constituído de Tempos Universidade e Tempos Comunidade (KNAPP, Cássio; MARTINS, Andrébio Márcio Silva. *Políticas linguísticas na Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu*. Texto no prelo).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi pensado com objetivo de discutir as funções e a importância dos *ñanderu* e *ñandesy* na retomada das terras indígenas no Cone Sul de Mato Grosso do Sul e na transmissão de saberes nas comunidades. Depois de realizar a minha pesquisa com meus parentes indígenas, digo que conclui em parte o meu trabalho. Percebo que essa não é uma temática que se esgota aqui, mas percebo também que enquanto professor indígena cabe a mim continuar me formando e estudando para poder continuar produzindo reflexões sobre minha comunidade.

Vale ressaltar que o trabalho discutiu as funções e a importância dessas lideranças tradicionais já eram valorizadas pela comunidade nos *tekoha* antes das expulsões pelos colonizadores, eles são pessoas que mantinham e mantêm proximidades com as divindades, por isso, consegue curar os doentes através do *pohã ñana* (remédio tradicional ou remédio caseiro) e orientar a *te'yi* (família) para caminhar de acordo com a orientação dos deuses do cosmo. No entanto, nessa época, os Guarani e Kaiowá viveram de acordo a orientações e conselhos dos *ñanderu* e *ñandesy*.

As lideranças tradicionais para os Guarani e Kaiowá são imprescindíveis para manter a religião indígena mais viva e assim fortalecer a identidade, a língua, os conhecimentos tradicionais, todavia as Reservas representaram para os indígenas a perda de autonomia em relação à grande parte dos aspectos de suas vidas.

Mostrei na produção do artigo que quando se criou as Reservas, muitas famílias indígenas que estavam organizadas tradicionalmente no território de Mato Grosso do Sul foram submetidas em uma área de concentração, para que a área esteja liberada para implantação das fazendas. Entre 1915 e 1928 o Serviço de Proteção ao Índio criou oito Reservas indígenas destinadas a abrigar ou concentrar a população e família Guarani e Kaiowá que vivia no território que hoje é o sul de Mato Grosso do Sul. Desde que os indígenas foram submetidos nas Reservas, iniciou-se uma caminhada difícil para manter a cultura, o jeito de ser, a língua, *porahei* (cantos), *ñembo'e* (rezas), *jeroky* (dança), conhecimentos tradicionais em relação os remédios tradicionais e também para prática de caça e a pesca.

Assim, mesmo antes de serem colocadas nas Reservas muitas famílias Guarani e Kaiowá dependiam e necessitavam muito das lideranças tradicionais, porque eles eram as principais pessoas que conseguiam resolver muitos problemas que aconteciam em um grupo familiar e davam orientações importantes. Entretanto, a destruição dos *tekoha* enquanto espaços exclusivos

dos grupos de famílias extensas ocasionou uma série de prejuízos sociais para os grupos.

Percebemos que mesmo com o passar do tempo, muitas famílias continuaram a ter resistência em morar nas Reservas, mesmo a partir da criação das Reservas muitas famílias se recusaram a serem transferidos, assim muitos optaram por viver como *rembiguai* (peões) nos fundos das fazendas, muitas delas instaladas em suas próprias terras tradicionais. Fica claro então que muitos Guarani e Kaiowá nunca não se adaptaram de forma nenhuma à vida na Reserva, preferindo organizar o retorno aos seus antigos territórios, reocupando os locais de onde foram expulsas ou acampando nas margens de estradas.

Chamamos atenção no texto sobre diferente atuação dos rezadores desde 1970 nos *Aty Guasu* pela reivindicação de terras tradicionais, como atuavam no meio de tantos desafios impostos pelos *karai* (não indígena). Importa destacar a participação de muitas lideranças tradicionais e lideranças políticas e comunidades vinda de outras aldeias. No *tekoha* Potreiro Guassu em Paranhos, uma das primeiras terras a serem demarcadas, depois de décadas de esbulho e confinamento nas Reservas do SPI. Percebemos que ali foi uma das primeiras experiências do *pytyvõ guasu* (apoio amplo), percebeu-se que o momento era propício para uma maior união entre os diversos grupos locais, pelo objetivo comum, que é a recuperação da terra.

Através do presente trabalho pretendemos mostrar que os rezadores ou lideranças tradicionais têm funções muito mais importantes de qualquer liderança política, porque eles mantêm proximidades com as divindades e também são responsáveis pelo caminho sagrado que cada Guarani e Kaiowá irão trilhar, por isso precisam ser respeitados e valorizados. Contudo o que ouvimos nos dias atuais é o discurso de que não existem mais o verdadeiro *ñanderu* e *ñandesy*, para muito há somente rezador *gua'u* (rezador falso). Ainda que não tivemos a pretensão de abordar isso no texto esse é um fato que nos chama muito atenção. Esse é um fato marcado sobretudo pelos frequentadores das igrejas neopentecostais, que muitas vezes afirmam que hoje em dia há somente os/as rezadores/as *gua'u* nas Reservas, esse inclusive seria o motivo de muitos procurarem as igrejas neopentecostais.

Contudo, podemos afirmar que por ter andado em vários *tekoha* para pesquisar e percebi que nas áreas indígenas existe ainda o verdadeiro rezador, que se dedica profundamente ao exercício religioso. Por exemplo, na aldeia Te'yikue, na retomada do *tekoha Pindo Roky* e Guapo'y em Amambai. Notamos também que muitas pessoas da comunidade não procuram mais os/as *ñanderu* e *ñandesy* para conversar ou para perguntar sobre a cultura, remédios tradicionais, língua, *ñembo'e* (rezas), *jeroky* (danças) e as histórias.

Os jovens estão cada vez mais se distanciando dos/as *ñanderu* e *ñandesy*. Tivemos um momento oportuno de ver como as lideranças tradicionais têm forças para envolver e convocar os deuses do cosmo no momento de luta na retomada do *tekoha* tradicional *Pindo Roky*. Ali percebemos como a cultura estava viva na alma de todo o jovem indígena Guarani e Kaiowá, a maioria não se intimidava para entrar no meio da reza e tentar cantar junto aos *ñanderu* e as *ñandesy* nos parecia o que estava difícil para acontecer aconteceu. Afirmamos isso, porque geralmente os jovens sentem vergonha para dançar, rezar e para fazer *jehovasa*, contudo naquele momento isso foi superado.

O presente artigo, portanto, não conseguiu discutir todas as influências que impedem a atuação dos/as *ñanderu* e *ñandesy* nas aldeias, todavia cremos que ele possibilitará como reflexão aos interessados, e talvez suscitar novas pesquisas. O que nos preocupa e pode render um desdobramento a partir desse trabalho: é a presença maior das igrejas evangélicas, influências de cultura da sociedade envolvente e a atuação da missão kaiowá na comunidade, a forte presença do capitão na tomada de decisões importantes, entre outros.

Percebemos que o distanciamento das lideranças políticas dos saberes tradicional e das orientações dos rezadores é uma questão que precisa ser discutida na comunidade, e a escola pode ter um papel relevante nesse sentido. Assim acreditamos que são os acadêmicos indígenas que são responsáveis por levantar esse debate em cada comunidade.

Diante destas questões há várias perguntas que podem ser refletidas a partir das ações dos professores indígenas, acadêmicos de cursos de formação específicas: o que fazer? Como podemos fazer para que os jovens voltem a dialogar com os rezadores? O que fazer para que as lideranças políticas voltem a procurar os rezadores? Será que os rezadores/as ainda são visto como importantes nas comunidades? Quando não existirem mais os *ñanderu* e as *ñandesy* a aldeia será a mesma? Essas são algumas de tantas perguntas que precisam refletidas junto à comunidade, professores, gestores, acadêmicos, alunos e comunidade em geral.

Pôr fim, ressaltamos que só será possível manter a cultura indígena como os saberes, a língua, reza, dança, a arte, as histórias, a poesia, através dos rezadores, porque eles são as bibliotecas da comunidade. Quando a irmã ou irmão da igreja evangélica, por exemplo, não consegue mais resolver um problema, as pessoas ainda procuram o rezador, isso mostra que as rezas sempre foram e sempre serão fundamentais na vida dos povos indígenas, elas são incontestáveis. Esses casos muitas vezes são comuns de acontecer na aldeia onde nasci, cresci e estou morando. Por isso no texto procuramos detalhar como eles atuavam e como atuam nos dias atuais frente à luta pela efetivação

dos direitos e no processo de reocupação/retomada dos *tekoha* tradicionais e na frente dos desafios impostos pela sociedade envolvente. Sabemos que a pesquisa ainda pode avançar, mas esperamos que esse texto auxilie na compreensão a respeito do tema e possa inspirar outros trabalhos relacionados à compreensão tanto dos temas que ficaram em aberto ao longo do texto.

REFERÊNCIAS

BRAND, Antonio Jacó. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. 1997. 382f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

_____. *O confinamento e seu impacto sobre os Pai-Kaiowá*. 1993. 274f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

_____. Os acadêmicos indígenas e as lutas por autonomia de seus povos. In: SEMERARO, Giovanni et al. (Org.). *Gramsci e os movimentos populares*. Niterói: Editora da UFF, 2011. (v. 1, p. 201-214).

BENITES, Tônico. *Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha*. 2014. 270f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

BENITES, Tônico. *A escola indígena na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. 2009. 106f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

BONIN, Iara Tatiana. *E por falar em povos indígenas...: quais narrativas contam em práticas pedagógicas?* 2007. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

MURA, Fabio. *A procura do “bom viver”: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowá*. 2006. 504f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

PEREIRA, Levi Marques. *Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno*. 2004. 403f. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Programa de pós graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. *Aty Guasu, as grandes assembleias Kaiowa e Guarani: os indígenas de MS e a luta pela redemocratização do país, [s.d.]*. (no prelo).

_____. *Elementos para uma teoria política kaiowá e guarani*. 2012. 364f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

THOMAZ DE ALMEIDA, Rubem Ferreira. *Relatório da Área Indígena Pirakua, MS*. Brasília: FUNAI, 2001. [Mimeo].

Recebido em 30 de julho de 2015

Aprovado para publicação em 18 de dezembro de 2015